

Nos dois períodos em que desbravou o Planalto Central, entre os anos de 1892 e 1894, Hastimphilo de Moura trocou apaixonada correspondência com

AMOR NA MISSÃO CRULS

» CONCEIÇÃO FREITAS

Não era o frio intenso das noites dormidas em barracas de lona nem as chuvas incessantes nem mesmo as traições entre colegas (e como havia). O que maltratava o engenheiro militar Hastimphilo de Moura, durante a Missão Cruls, eram as saudades da mulher amada, Clarinda, a quem ele chamava de Liliinda, no mais das vezes, "minha Liliinda".

Integrante das duas comissões, a de 1892 e a de 1894, que desbravaram, estudaram e demarcaram a primeira grande área de onde surgiria o Distrito Federal, Hastimphilo deixou diários de campo. O relato de seu amor e de sua saudade surge, cauteloso, das seis cadernetas que há mais de 10 anos foram entregues ao Arquivo Público do Distrito Federal pelo filho caçula de Hastimphilo, Adimir de Moura, morto há cinco anos.

Tamanha paixão trouxe Clarinda de Moura ao Planalto Central, entre 1894 e 1895. Não se sabe ao certo em que cidade ou em que cidades ela esteve. Em telegrama ao Centro Acadêmico da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, já viva agradece a homenagem ao marido e conta que teve "a honra" de "ser a primeira senhora pisar tão belo magnífico (solo goyano) permanecendo cerca dois anos companhia/meu esposo guardando doces recordações passada longínquo Planalto Central". A homenagem foi feita no fim da década de 1950, em data que também se perdeu.

Quem dá notícias da presença de Clarinda de Moura nos arredores de Brasília é a poeta Olívia da Rocha Lobo, 79 anos, filha de Ofílio Segismundo Rocha, que, segundo ela, foi guia da equipe de Luiz Cruls no trecho de Formosa. O cecili ouvindo meu pai dizer que uma mulher muito elegante e apaixonada pelo cerrado fazia parte da Missão Cruls. Ela era encantada com a quantidade de água que brotava do chão", conta Olívia. "Meu pai dizia que ela era adormida os pássaros, era muito educada e elegante, muito bem vestida. E que parava na estrada para admitir as flores." O pai de Olívia morreu em 1957.

philo estava na missão de 1892.

A saudade trouxe uma carioca, filha do Duque de Saxe, segundo Adimir, até a Uberaba, Minas Gerais. Hastimphilo esperou pela mulher amada e pela filha, na derradeira estação da estrada de ferro Mogiana. De lá, os três vieram de lombo de burro até um dos acampamentos da Missão Cruls, na região entre Pirenópolis, Goiás, Luziânia e Formosa.

Quase 70 cartas

Já não seria preciso mais espalhar a saudade em longas e apaixonadas cartas. Na primeira das duas missões Cruls, Hastimphilo tinha adoecido, tanta a dor que a ausência de Liliinda lhe causava. Entre junho e dezembro de 1892, o apaixonado escreveu quase 70 cartas, além de telegramas à mulher, correspondência que saía de Pirenópolis, Cidade de Goiás, Corumbá, Formosa e Planaltina em lombo de burro até Uberaba e de trem até o Rio de Janeiro. Deixava de ir a saraus, festas e jantares em casas de pessoas importantes da região, abdicava de ir à missa, para escrever cartas a quem tanto queria. Ou para, sozinho, se alimentar de saudade. Esperava as respostas com uma ansiedade "quase indômita", como escreveu em 1º de agosto de 1892.

O desejo de chegar à próxima cidade onde houvesse uma agência postal fazia o engenheiro antecipar partidas, na pressa de reencontrar, por escrito, a razão de sua pressa. Sonhava em tê-la novamente entre os braços. E o que se lê nas motações de 18 de agosto de 1892: "(...) até aqui em Pirenópolis não fiz a barba, aparando-a para andê; tinha em vista voltar ao Rio assim com o fim de brincar com a minha Liliinda". (A palavra "brincar" está sublinhada. Ainda não se achou o significado atual da palavra "andê").

Quanto mais se distanciava do Rio de Janeiro e se embrenhava no sertão em direção ao nordeste goiano, mais sentia a ausência da mulher tão querida. Hastimphilo escreveu, próximo à Lagoa Feia, em 27 de agosto de 1892: "Quanto mais afastado-me da minha Liliinda mais saudoso fico". Fazia quatro

comendava pepitas de ouro, comprava periquitos, tudo para dar de presente à mulher que morava em seus pensamentos. Pode parecer que tanta paixão impedisse Hastimphilo de cumprir suas tarefas. Nada disso. O engenheiro militar que muito mais tarde chegaria à maréchal do Exército (é nome de uma avenida no Rio de Janeiro) era um desbravador cioso de suas tarefas. Anotava, religiosamente, o percurso da expedição (registros aos quais acrescentava impressões pessoais). São dele, por exemplo, o levantamento dos itinerários e perfis longitudinais (de distâncias e altitudes) entre Mestre D'Armas e Papuda (ou seja, entre Planaltina e São Sebastião) e entre Papuda e Santa Luzia (atual Luziânia). Hastimphilo apaixonado passou bem perto do Plano Piloto entre junho e dezembro de 1892. Esteve na Fazenda Velha, em Sobradinho.

Doente de saudade

Três dias antes do Natal de 1892, o engenheiro adoeceu e teve medo de morrer. "Sinto-me doente e se o meu estado agravar-se, bem pode acontecer que eu venha a morrer por aqui, longe da minha Liliinda e de todos os mais que me são caros. Se isso acontecer, minha Liliinda idolatrada, recobe este pedido que te vou fazer como o de um moribundo que morrerá pensando em ti e nossa querida filhinha que não tive ainda a felicidade de conhecer."

Hastimphilo louco de amor pede à amada que, caso ele morra, ela não se case novamente. "Se conservares sempre vivo na imaginação o nosso amor, se não esqueceres o teu Timpinho, se fores fiel aos juramentos dados, se compreenderdes bem a vida, poderás te conservar viva e honesta e virtuosa a vida toda, e feliz, embora pobre. Que este pedido me, echôe Sempre no teu coração, que Ele permaneça eternamente no teu espírito, tanto nos dias felizes como nos de infortúnio!". E termina: "Traz de côr, estas minhas palavras..."

Arquivo Pessoal



para junto dela e não posso. É um verdadeiro dezespêro!"

» 6 DE NOVEMBRO DE 1892

"Desde que aqui estamos (lugar denominado André Suicé) foi hoje o 1º dia que saímos (o Chefe e eu) para dar um passeio de exercício, caminhando uns 4km. para ir a um morador dos arredores. Nessa ocasião colhi para minha Lilinda umas mimosas flores"

» 23 DE NOVEMBRO DE 1892

Comprei hoje 2 pepitas (da Ponte-Alta) do Padre Semeão por 32 mil tantos reis, uma das quaes cedi ao Chefe Aminha ficou por quase 20.000"

muito a circunstancia de que não tenho recursos e nem se encontra para comprar. Efectuou-se o tal jantar durante o qual foi offerecido ao Nascimento (Chefe da musica) um cartão de prata com gravuras; foi tambem offerecido um relógio ao Theophilo Neste momento (9 1/2 da noite) está aqui a musica tocando; e eu, cheio de tristezas e saudades, não posso suportar mais essa demora aqui"

» 15 DE DEZEMBRO DE 1892

"Confesso que não sei bem qual a minha molestia, que me conserva até hoje abatido e em uso do quinino. Multiplas são as cousas em cujo número está o soffrimento moral, porque as saudades da minha Lilinda são grandes; não tenho recebido cartas, por causa da falta dos correios e via diante de mim uma longa demora (e sem necessidade) em Goyaz"

O amor de Hastimphilo e Clarinda ligou dois pesquisadores da história de Brasília. Desde que folheou as seis cadernetas de anotações do engenheiro militar da Missão Cruls, o arquivologista Euler Frank Barros, diretor do Arquivo Permanente do Arquivo Público do Distrito Federal, se interessou pelo texto como quem lê um romance. Embalado pelas impressões pessoais do autor, começou a transcrição paleográfica das seis cadernetas.

O historiador Wilson Vieira Júnior, da Universidade de Brasília, também se encantou com a história de amor. Em *A Fazenda Velha nos caminhos da Missão Cruls*, Vieira Júnior e Deusdedith Rocha Júnior fazem o primeiro registro da presença de uma mulher na Missão Cruls e do amor de Hastimphilo por Lilinda.

A pesquisa só foi possível porque Euler

como projeto de vida que até o final do ano termino a transcrição das demais", prometeu o arquivologista. O Arquivo Público pretende, caso haja recursos financeiros, publicar o trabalho nos 50 anos da cidade.

Também está nos projetos de Vieira Júnior um livro sobre a presença de uma mulher na Missão Cruls. Para isso, ele tem inquirido antigos moradores de Planaltina, Formosa, Pirenópolis, na esperança de localizar alguém que tenha mais informações sobre a vinda de Clarinda de Moura para o Planalto Central no fim do século 19. Foi perguntando aqui e acolá, que o pesquisador chegou à poeta Olinda da Rocha Lobo e à confirmação de que uma mulher muito elegante esteve ao lado dos cientistas desbravadores do lugar onde Brasília seria construída.